

PRONOMES PLENOS E CLÍTICOS PRONOMINAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO FRANCÊS

STRONG PRONOUNS AND CLITIC PRONOUNS IN BRAZILIAN PORTUGUESE AND FRENCH

Luciano de Oliveira¹

RESUMO

Pronomes clíticos correspondem, geralmente, a argumentos verbais e dependem de uma base verbal para se apoiar, sendo esta uma das causas para não poderem ocorrer como elementos isolados em uma frase, ao contrário do que pode ser verificado para os pronomes plenos e os DPs e PPs. Ainda em relação a estes elementos, que podem representar igualmente argumentos verbais, os clíticos pronominais apresentam outros comportamentos sintáticos próprios, como a impossibilidade de movimento para uma posição de tópico. Considerando os pronomes clíticos, o português brasileiro (PB) apresenta divergências em relação à gramática tradicional, a qual toma como norma a variedade europeia da língua; uma dessas diferenças é a perda dos pronomes clíticos acusativos de terceira pessoa, os quais não pertencem mais à língua-I da(do) falante brasileira(o). No francês, entretanto, os clíticos pronominais de terceira pessoa são muito produtivos, independentemente do caso sintático considerado. Também diferentemente do PB, o francês possui clíticos pronominais nominativos, locativos e partitivo/genitivo. Além disso, até mesmo na língua falada, combinações de pronomes clíticos são usadas no francês, o que não se verifica no PB. Todas essas diferenças podem representar dificuldades para a aquisição de francês por brasileiras(os).

PALAVRAS-CHAVE: Pronomes clíticos. Português Brasileiro. Francês.

ABSTRACT

Clitic pronouns generally correspond to verbal arguments and depend on a verbal base to support them, which is one of the reasons why they cannot occur as isolated elements in a sentence, contrary to what can be verified for strong pronouns and DPs and PPs. Still in relation to these elements, which can also represent verbal arguments, pronominal clitics present other syntactic behaviors of their own, such as the impossibility of moving to a topic position. Considering the clitic pronouns, Brazilian Portuguese (BP) presents divergences from the traditional grammar, which takes the European variety of the language as a norm; one of these differences is the loss of third-person accusative clitic pronouns, which no longer belong to the Brazilian speaker's I-language. In French, however, third-person pronominal clitics are very productive, regardless of the syntactic case considered. Also unlike BP, French has nominative, locative and partitive/genitive pronominal clitics. Furthermore, even in spoken language, clusters of clitic pronouns are used in French, which is not the case in BP. All these differences may represent difficulties for Brazilians to acquire French.

KEYWORDS: Clitic pronouns. Brazilian Portuguese. French.

Introdução

De acordo com Dubois *et al.* (2006 [1978], p. 489), pronomes são “palavras que se empregam para reenviar a ou substituir uma outra já utilizada no discurso (emprego anafórico), ou para representar uma(um) participante na comunicação, um ser ou um objeto presentes no momento do enunciado (emprego dêitico)”. No seu uso anafórico, os pronomes costumam servir à substituição de DPs (ou de PPs), mas também podem substituir adjetivos ou sentenças, como nos exemplos dados a seguir em (1) e (2).

¹ Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina, lucioliv1975@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-6628-6409>.

- (1) a. Tu és [corajoso]_i?
 b. Sim, eu [o]_i sou.
- (2) a. Vais [escrever à tua mãe]_j?
 b. Pretendo fazê-_j[lo]_j.

(exemplos (1) e (2): adaptados de DUBOIS *et al.* (2006 [1978], p. 489))

Neste trabalho, são considerados os pronomes pessoais, pois é nessa subclasse que se encontram os pronomes plenos e os clíticos pronominais que serão aqui analisados nas línguas envolvidas: o português brasileiro (doravante, PB) e o francês. Para tanto, inicia-se com as propriedades dos pronomes clíticos, passando-se então para o inventário de pronomes pessoais nas duas línguas em questão. Na sequência, é fornecido um quadro com a equivalência desses clíticos nas línguas. Ao final do artigo, tem-se algumas considerações finais relacionando o tema do artigo à aquisição/aprendizagem de francês por brasileiras(os), assim como as referências bibliográficas utilizadas.

1. Os clíticos pronominais

Os clíticos pronominais constituem uma (sub)classe de palavras dentro do que a gramática tradicional (GT) chama de pronomes pessoais átonos (DUBOIS *et al.*, 2006 [1978], pp. 112-3). Considerando-se a Gramática Gerativa, clíticos pronominais podem ser os “pronomes” (que correspondem, na GT, aos pronomes átonos não reflexivos) ou as “anáforas” (pronomes átonos reflexivos/recíprocos).

Martins (2013, pp. 2231-2) define clítico como um elemento lexical sem acento prosódico (como os afixos e contrariamente às palavras), mas com alguma liberdade de posição (como as palavras e contrariamente aos afixos). A ausência de acento faz com que o clítico dependa de uma palavra adjacente acentuada, denominada “palavra hospedeira”, ou “hospedeiro” do clítico. “Cliticização” é o processo de ligação do clítico ao seu hospedeiro.² Seguindo essa definição, são também clíticos do português “os artigos definidos, os pronomes interrogativos *que* e *porque*, o pronome relativo

² Autores como Anderson (2005, pp. 9-14) e Caink (2005, pp. 492-3) apresentam critérios que permitem diferenciar palavras, clíticos e afixos. Apesar da grande variação interlinguística, a ordem dos afixos em uma palavra é bastante rígida, já as palavras possuem uma maior liberdade de posicionamento em uma frase, nem sempre relacionada a mudanças de significado; afixos são formas presas, devendo ocorrer associadas a outras, enquanto que palavras são formas livres, podendo mesmo aparecer sozinhas em uma frase ou sintagma; afixos não podem receber acento prosódico, o que é possível em relação às palavras; afixos estão sujeitos a processos fonológicos, o que não tende a acontecer com palavras adjacentes. Assim, algumas características dos clíticos pronominais, como a ausência de acento prosódico e a relativa liberdade de posicionamento em relação à sua base (como a próclise e a ênclise), permite situar essa categoria entre os afixos e as palavras.

De acordo com Câmara Jr. (1999 [1970]), formas livres são aquelas que podem ocorrer isoladas (como “releia” em “O que faço com esse livro? – Releia.”). Já formas presas só funcionam ligadas a outras e sem possibilidade de variação de posição em relação a estas (como o prefixo “re-” em “releia”). Entre as duas, o autor define as formas dependentes, que são aquelas que, apesar de necessitarem de uma base, podem encontrar-se separadas desta por outra(s) forma(s) livre(s) (como o artigo “a” em “a menina” e “a bela menina”) ou possuem liberdade de posição em relação à sua base (como o pronome clítico “te” em “te quero” e “quero-te”).

que, as conjunções *que*, *se*, *mas*, *e*, *ou*, as preposições *de*, *para*, *por*, *com*, *em* e o quantificador *cada*” (MARTINS, 2013, pp. 2231-2, itálicos da autora). Entretanto, nas línguas românicas, a maioria dos clíticos são pronominais (TSEDRYK, 2014, p. 7). Por esta razão, neste trabalho, são considerados somente os clíticos pronominais, que, por selecionarem como hospedeiro um verbo, são chamados também de “clíticos verbais”.

Cardinaletti (1999) indica propriedades que alguns pronomes devem apresentar para serem classificados como clíticos. Com base nessas propriedades, Kanthack (2002, pp. 6-21) apresenta uma série de testes em PB para comprovar que o comportamento dos clíticos pronominais é diferente do dos argumentos verbais internos expressos por DPs ou PPs plenos, ou ainda por pronomes tônicos. Esses testes, realizados a seguir com exemplos do PB (mas válidos igualmente para o francês), permitem confirmar as três principais conclusões indicadas por Kanthack (2002) em relação às propriedades dos clíticos pronominais, as quais são indicadas a seguir.

i. Os clíticos pronominais não se comportam como DPs (ou PPs) lexicais ou pronomes não clíticos.

i.a. Os clíticos pronominais não podem ocorrer em posições argumentais: por exemplo, na posição de argumento interno do verbo, o pronome clítico provoca a agramaticalidade da sentença, como exemplificado em (3);

- (3) a. O Carlos ajuda sempre **a Joana**.³
 b. O Carlos ajuda sempre **ela**.
 c. *O Carlos ajuda sempre **a**.

i.b. Os clíticos pronominais não podem ocorrer em posições não argumentais: um exemplo de posição não argumental é a posição de tópico, indicada em (4), onde um pronome clítico não é aceitável;

- (4) a. **A Joana**, o Carlos ajuda sempre.
 b. **Ela**, o Carlos ajuda sempre.
 c. ***A**, o Carlos ajuda sempre.

i.c. Os clíticos pronominais não podem ocorrer como itens isolados: não se pode responder a uma pergunta, por exemplo, usando somente um pronome clítico, como indicado em (5c);

- (5) a. O Carlos ajuda sempre quem? **A Joana**.
 b. O Carlos ajuda sempre quem? **Ela**. / **Você**.
 c. O Carlos ajuda sempre quem? ***A**. / ***Te**.

³ Nos conjuntos de sentenças (3) a (11), os elementos de interesse encontram-se em negrito, e advérbios foram inseridos em (3) para deixar as posições argumentais mais evidentes – sem o advérbio “sempre”, a sentença (3c) poderia ser considerada gramatical, mas o clítico não ocuparia a posição argumental.

i.d. Os clíticos pronominais não podem ser coordenados: a coordenação não pode ocorrer nem entre pronomes clíticos, nem entre um pronome clítico e outro elemento, o que é indicado pelas sentenças agramaticais em (6);

- (6) a. O Carlos deu o presente para o **Antônio** e **a Joana**.
 b. O Carlos deu o presente para **mim** e **a Joana**.
 c. O Carlos deu o presente para **mim** e **ela**.
 d. *O Carlos deu-**me** e **para a Joana** o presente.
 e. *O Carlos deu-**me** e **para ela** o presente.
 f. *O Carlos **me** e **lhe** deu o presente.

i.e. Os clíticos pronominais não podem receber acento contrastivo: como mostra (7c), eles não podem veicular foco contrastivo, recebendo, assim, acento;

- (7) a. O Carlos deu o presente **PARA O ANTÔNIO**, e não **PARA A JOANA**.
 b. O Carlos deu o presente **PARA ELE**, e não **PARA ELA**.
 c. *O Carlos **ME** deu o presente, e não **LHE** deu.⁴

i.f. Os clíticos pronominais não podem ser modificados: como se vê em (8c), eles não podem ser precedidos por advérbios associados ao foco, como “somente” e “também”.

- (8) a. O Carlos ajuda somente **a Joana**.
 b. O Carlos ajuda somente **ELA**.
 c. *O Carlos ajuda somente **A**.

Após demonstrar que as propriedades dos argumentos lexicais e dos pronomes não clíticos não se aplicam aos clíticos pronominais, falta fazer o oposto: verificar que os pronomes clíticos não compartilham as suas propriedades com aqueles elementos. Isso é realizado a seguir.

ii. Os DPs (e os PPs) lexicais e os pronomes não clíticos não se comportam como os pronomes clíticos.

ii.a. A posição do clítico pronominal objeto antes de um verbo finito é imprópria para um DP (ou PP) lexical ou para um pronome não clítico: somente um clítico pronominal pode ocupar a posição pré-verbal, como mostrado em (9);⁵

⁴ Para algumas(alguns) falantes nativas(os) de PB, sentenças como (7c) podem ser aceitáveis, mesmo com a acentuação dos clíticos (KANTHACK, 2002, p. 11).

Hvidsten em Helland (2018, p. 63) mencionam que, em francês, a única situação em que um clítico pode ser acentuado (contrastivamente ou não) é no imperativo afirmativo (com ênclise), como em *Prends-le*, [prã'lə], “Pegue-o”.

⁵ Como “posição pré-verbal” está sendo considerada aqui a posição proclítica ocupada pelo clítico pronominal não nominativo, adjacente ao verbo; não se confunda essa posição com a posição de sujeito, que aparece geralmente antes do verbo. Isso porque, por exemplo, entre o sujeito e o verbo, pode haver outros elementos, como em “Ele sempre compra os mesmos produtos”.

- (9) a. O Carlos **a** ajuda sempre.
 b. *O Carlos **a Joana** ajuda sempre.
 c. *O Carlos **ela** ajuda sempre.⁶

ii.b. A posição intermediária de um grupo verbal ocupada pelo clítico pronominal também é imprópria para um DP (ou PP) lexical ou para um pronome não clítico: somente um pronome clítico pode ocupar a posição entre dois verbos que compõem um grupo verbal, o que é exemplificado em (10);

- (10) a. O Carlos quer **me** ajudar sempre.
 b. *O Carlos quer **o Antônio** ajudar sempre.
 c. *O Carlos quer **ele** ajudar sempre.

ii.c. A posição pós-verbal ocupada pelo clítico pronominal é diferente daquela ocupada por um DP (ou PP) lexical ou por um pronome não clítico: os DPs (ou PPs) lexicais têm maior liberdade de posição do que os pronomes clíticos, pois estes devem permanecer adjacentes à sua base verbal, como é possível perceber em (11) a seguir.

- (11) a. Ajuda **o Antônio** sempre!
 b. Ajuda sempre **o Antônio**!
 c. Ajuda **ELE** sempre!
 d. Ajuda sempre **ELE**!
 e. Ajuda-**o** sempre!
 f. *Ajuda sempre **o**!

Até este ponto, foi possível comprovar que argumentos lexicais e pronomes não clíticos não compartilham propriedades com clíticos pronominais. Para concluir os testes, na sequência, será demonstrado qual é a “palavra hospedeira” desses clíticos, o que já foi sugerido pelo teste anterior.

iii. Os pronomes clíticos necessitam de uma base verbal para se incorporar.

Dada a diferença de comportamento em relação aos argumentos internos plenos (representados por DPs, PPs ou pronomes não clíticos), uma característica dos pronomes clíticos é o fato de eles necessitarem de uma base (verbal) para se incorporar, uma vez que são elementos átonos.

Nas sentenças em (12) e (13), são indicados entre colchetes o pronome clítico e a palavra considerada como base para o mesmo, utilizando-se um verbo ou um grupo verbal.

- (12) a. O meu namorado [me] [dava] presentes.
 b. *O meu [namorado]-[me] dava presentes.
 c. ?O meu namorado [dava]-[me] presentes.
 d. *O meu namorado dava [me] [presentes].
 e. *O meu namorado dava [presentes]-[me].

⁶ Nas sentenças em (9) e (10), está sendo considerado que o sujeito é sempre [O Carlos].

- (13) a. O meu namorado queria [me] [dar] presentes.
 b. *O meu namorado [queria]-[me] dar presentes.
 c. ??O meu namorado [me] [queria] dar presentes.⁷
 d. *O meu [namorado]-[me] queria dar presentes.
 e. ?O meu namorado queria [dar]-[me] presentes.
 f. *O meu namorado queria dar [me] [presentes].
 g. *O meu namorado queria dar [presentes]-[me].

Nas sentenças em (12) e (13) é possível verificar que, no PB, os pronomes clíticos somente podem ocorrer adjacentes a um verbo, como constatado para o verbo “dar” em (12a), em que se tem a próclise, e em (12c), em que há ênclise para este mesmo verbo (o sinal “?” justifica-se pelo fato de a ênclise não ser tão natural em PB quanto a próclise). Não pode haver adjacência do pronome clítico a um substantivo, como verificado pela agramaticalidade das sentenças (12b), (12d) e (12e) em relação aos nomes “namorado” e “presentes”. Quando há dois verbos (um grupo verbal), como em (13), o clítico pronominal pode colocar-se em próclise ou em ênclise em relação ao segundo verbo (sentenças (13a) e (13e) respectivamente) ou em próclise em relação ao primeiro (sentença (13c)), ainda que haja dúvidas quando à aceitabilidade de (13c) e de (13e) no PB (sendo (13c) agramatical para muitos falantes). Qualquer outra possibilidade é considerada agramatical no PB, como em (13b), (13d), (13f) e (13g).

Além de incorporar-se somente a um verbo, o pronome clítico (ou o grupo de pronomes clíticos) não pode se encontrar separado deste, de forma que entre eles não pode haver outro elemento, como um advérbio, por exemplo. As sentenças em (14) ilustram esse fato, nas quais um advérbio posto entre o clítico pronominal e o verbo (ambos indicados entre colchetes) causa agramaticalidade.⁸

- (14) a. O meu pai sempre [me] [mandava] dinheiro.
 b. *O meu pai [me] sempre [mandava] dinheiro.
 c. O meu pai podia sempre [me] [mandar] dinheiro.
 d. *O meu pai podia [me] sempre [mandar] dinheiro.

A única possibilidade para que um pronome clítico se encontre separado da sua base verbal é se, entre eles, houver outro clítico, o que não tende a ocorrer em PB. No entanto, em francês, tal situação pode ser observada, como em (15).

- (15) [*Ce plaisir*]_i, *je ne t'en*_i *priverai pas* !
 “Deste prazer, eu não te privarei!”

⁷ Conforme menciona Martins (2012, pp. 171-3) em sua pesquisa sobre a escrita do PB, a próclise ao verbo finito nos grupos verbais diminuiu drasticamente do século XIX ao XX.

⁸ Luís e Kaiser (2016, pp. 218-31), porém, mencionam que no português europeu (doravante, PE) é possível haver interpolação, causada principalmente pela negação, como em “Se me não engano, ele faz anos a 21 de janeiro”. Os autores também mencionam que este fato se constitui em um resíduo de estágios anteriores do PE, em que sintagmas inteiros podiam colocar-se entre o clítico e o verbo.

Na sentença em (15), *je, ne, te (t')* e *en* são todos clíticos, não havendo então, entre qualquer um deles e o verbo, nenhum elemento que não seja também clítico.⁹

Tendo sido apresentadas, nesta Introdução, as propriedades dos clíticos pronominais, que os diferenciam dos argumentos verbais representados por pronomes plenos, DPs ou PPs, nas próximas seções serão apresentados os sistemas de pronomes pessoais em PB e em francês, englobando pronomes clíticos e não clíticos.

3. Sistema de pronomes pessoais do PB

No PB, o inventário dos pronomes pessoais tem sofrido alterações devido a mudanças sintáticas observadas principalmente a partir do século XIX (CYRINO, 2018 [1993]; TARALLO, 2018 [1993]), de modo que aquilo que a GT preconiza, e que é apresentado nos bancos escolares, encontra-se cada vez mais distante do que se verifica realmente na língua em uso no Brasil. O quadro 1, no qual é apresentado o sistema de pronomes pessoais no PB, indica tais mudanças.

⁹ A única exceção a essa regra ocorre em francês na negação do infinitivo, como em *J'ai bu du café pour ne pas dormir tôt*, "Eu bebi café para não dormir cedo", em que *pas* se interpõe entre o clítico *ne* e o verbo (JONES, 1996, p. 255). Entretanto, *ne* tem sido cada vez mais omitido no francês coloquial (BALL, 2000, p. 13). *Je* (clítico pronominal nominativo) e *ne* (partícula de negação) são classificados como clíticos pois satisfazem todos os testes apresentados anteriormente, dentre eles a impossibilidade de ocorrerem como itens isolados; nesta situação, as formas tônicas correspondentes *moi* e *non* devem ser empregadas, como em *Qui a parlé ? – *Je / Moi*, "Quem falou? – Eu" e *Tu viens ? – *Ne / Non*, "Você está vindo? – Não").

Quadro 1: Pronomes pessoais no PB – fala e escrita.¹⁰

		FORMAS NOMINATIVAS (TÔNICAS)	FORMAS ÁTONAS NA FALA E NA ESCRITA (PRONOMES CLÍTICOS)			FORMAS TÔNICAS OBLÍQUAS NA FALA E NA ESCRITA	
			Acusativo (acc.)	Dativo (dat.)	Reflexivo (refl.)	Indefinido	Formas nominativas em função acusativa e oblíqua ¹¹
SINGULAR	P1	eu	me	me	me		mim, comigo
	P2	tu, você	te, <u>o</u> , <u>a</u> , <i>lhe</i>	te, <u>lhe</u>	te, se		tí, contigo, você ^o , <u>si</u> , <u>consigo</u> , você mesmo
	P3	ele, ela	<u>o</u> , <u>a</u> , <i>lhe</i>	<u>lhe</u>	se	<u>se</u> , ¹² <i>tu</i> , <i>você</i> , <i>a gente</i> ¹³	<u>si</u> , <u>consigo</u> , <i>ele</i> ^o , <i>ela</i> ^o , <i>ele(a) mesmo(a)</i>
PLURAL	P4	<u>nós</u> , <i>a gente</i>	<u>nós</u>	<u>nós</u>	<u>nós</u> , <i>se</i>		<u>nós</u> , <u>conosco</u> , <i>a gente</i> ^o
	P5	vós, vocês	vós, <u>os</u> , <u>as</u> , <i>lhes</i>	vós, <u>lhes</u>	vós, se		vós, <u>convosco</u> , vocês ^o , vocês mesmos
	P6	eles, elas	<u>os</u> , <u>as</u> , <i>lhes</i>	<u>lhes</u>	se		<u>si</u> , <u>consigo</u> , <i>eles</i> ^o , <i>elas</i> ^o , <i>eles(as) mesmos(as)</i>

Fonte: adaptado de Duarte (2013, p. 120).¹⁴

O quadro 1 não se limita a apresentar os pronomes pessoais admitidos pela GT; também não se limita aos pronomes utilizados no PB escrito, trazendo também aqueles utilizados na língua falada, sendo esta última menos conservadora que a escrita não somente no PB mas, de modo geral, em todas as línguas naturais.

¹⁰ A decisão de referir-se às pessoas do discurso como de P1 a P6 (e não como 1ª pessoa do singular, 1ª do plural, etc.) nos quadros 1, 2 e 3 se deve à interpretação de que, por exemplo, a 1ª pessoa do plural (P4) não se refere a “eu+eu” (não é o plural de “eu”), mas sim a “eu+tu/você” ou “eu+uma (ou várias) pessoas” (LOPES, 2018 [2007], p. 117).

¹¹ Na última coluna do quadro 1, as formas que coincidem com as nominativas e são acompanhadas do sobrescrito o podem ser utilizadas tendo caso tanto acusativo quanto oblíquo, como exemplificado em (i) a seguir.

- (i) a. Eu vi [ele] na feira ontem.
b. Eu fui [com ele] na feira ontem.

¹² Na coluna dos indefinidos, “se”, usado como partícula de indeterminação do sujeito, é também um pronome clítico.

¹³ A forma “a gente”, apesar de compor um DP, pode ser analisada como um pronome (LOPES, 2018 [2007]).

¹⁴ Seguindo a simbologia de Duarte (2013, p. 119-120), no quadro 1 são apresentados:

tachados os pronomes extintos da fala e da escrita (o que acontece com o paradigma de “vós” – embora esses pronomes ainda estejam presentes em textos bíblicos e em outros contextos religiosos, e ainda vivos em Portugal (BECHARA, 2015, p. 173));

sublinhados os pronomes de uso mais restrito a certos grupos sociais (em geral de maior prestígio) e até mesmo em extinção na fala espontânea;

em **itálico e negrito** as formas inovadoras, que já começam a ser implementadas na escrita;

sem grifos e em fonte normal os pronomes que fazem parte tanto da língua oral quanto da escrita.

Para uma explanação mais detalhada do que é apresentada aqui acerca dos pronomes mencionados no quadro 1 (inclusive sobre a variação diatópica dos mesmos, tendo como referência pesquisas de outras(os) autoras(es)), consulte-se Duarte (2013, p. 120ss.).

Como Duarte (2013, pp. 119-20) menciona, no PB falado todos os pronomes nominativos podem exercer as funções acusativa, dativa e oblíqua, estas últimas com o uso de preposições (DUARTE, 2013, p. 122). Dessa forma, seus traços de caso estão subespecificados no léxico, uma vez que uma única forma (um único pronome) pode receber vários casos, a depender da sentença em que se encontra. Haveria, entretanto, uma maior estigmatização para o uso dos pronomes “eu” e “tu” nessas funções sem serem seguidos de infinitivo pessoal ou compondo uma *small clause* (tanto que estes pronomes não foram incluídos na última coluna do quadro 1, pois estes usos não são admitidos na escrita, como o título da respectiva coluna indica). Exemplos desses usos são indicados a seguir.

- (16) a. Comprei esse presente pra tu!
 b. Cruzei com ela na rua mas ela não viu eu.
 c. Eu comprei essas frutinhas pra tu comer.
 d. Por que você tá me olhando? Tá achando eu bonita?

As sentenças (16a) e (16b) ilustram os empregos mais estigmatizados dos pronomes “eu” e “tu”; em (16c), ocorre o pronome “tu” seguido de um infinitivo impessoal e, em (16d), “eu” compondo uma *small clause* com o adjetivo “bonita” (usos também estigmatizados).

A observação do quadro 1 revela ainda que P1 é a única pessoa em que os pronomes pessoais permanecem inalterados em PB, apresentando as mesmas formas para as línguas falada e escrita.

Com relação à segunda pessoa, a substituição de “tu” – “vós” por “você” – “vocês” na posição de sujeito em algumas variedades do PB fez com que as formas clíticas de terceira pessoa (“o” / “a”, “os” / “as”, “lhe”, “lhes”, “se”) passassem a ser possíveis para referir-se também à segunda, o que tornou o inventário de pronomes clíticos no PB mais complexo (FARACO, 2017, pp. 116; 25). O uso acusativo de “lhe” em P2 (relacionado a “você”) e em P3 (LUÍS; KAISER, 2016, p. 211) pode ser visto como uma substituição aos pronomes “o” e “a” (sentença (17a) a seguir), estando também em variação livre com “te” (sentença (17b)) (GALVES, 2001, p. 155). O uso dativo de “lhe” vem sendo substituído por um PP, com o uso da preposição “a” na escrita e “pra” na fala (sentença (17c)).

- (17)
- a. Não se esqueça que estamos preparados para deixar-lhe em plena forma a qualquer momento. (Jornal – texto de propaganda)
- (DUARTE, 2013, p. 132)
- b. Te/Lhe vi ontem, mas você nem me cumprimentou.
- c. Eu dei um presente pra você.

Como aponta Galves (2001, p. 143; 155), o PB perdeu a oposição “tu/você”, ainda presente no PE, sendo que, nesta variedade, “tu” é empregado como forma íntima, e “você”, como forma polida. No Brasil, segundo a autora, “tu” só subsiste regionalmente, principalmente no Rio Grande do Sul. Entretanto, “tu” e “você” são pronomes que também vêm sendo usados em contextos de

referência indeterminada, como em (18a), que tem sua equivalência em (18b) (nesse exemplo, em uma construção existencial).

- (18) a. Você/Tu tem uma loja lá na rua que só vive em liquidação.¹⁵
 b. Existe/Há uma loja lá na rua que só vive em liquidação.

(adaptado de LOPES (2018 [2007], p. 104))

Segundo Lopes (2018 [2007], p. 104) e Quarezemin e Fuchsberger (2020, p. 100), o uso de “a gente” substituindo “nós” apresenta um caráter indeterminador, de modo que a(o) falante pode evitar um maior comprometimento com o discurso, tornando-o mais vago e genérico, em oposição a uma nuance mais específica de “nós”. Isso porque “a gente” pode ser interpretado como “eu+você(s)+ela(ele)(s)+todo mundo ou qualquer um” (ainda que se combine com verbos em P3). Um fato que pode corroborar essa afirmação é o uso desse termo em contextos de indeterminação, como em (19a), com seu equivalente em (19b).¹⁶

- (19) a. A gente não pode mais ir tranquilamente à praia aqui.
 b. Não se pode mais ir tranquilamente à praia aqui.

Ainda considerando os pronomes nominativos, percebe-se uma propriedade no português que se repete no italiano e no francês, mas não no espanhol: há marcas de gênero somente em P3 e P6, pois aí os pronomes assumem formas diferentes segundo o gênero dos seus referentes (o que acontece também com os pronomes clíticos acusativos);¹⁷ nas demais pessoas, o gênero formal dos pronomes é subespecificado, de modo que a interpretação de gênero da(do) falante ou da(do) ouvinte só pode ser realizada a partir do contexto, como em (20), onde só se identifica o gênero da(do) falante a partir do uso dos adjetivos no feminino ou no masculino.

- (20) a. Eu estou velha.
 b. A gente ficou arrasada.
 c. A gente ficou arrasado.

(LOPES, 2018 [2007], pp. 111-2)

No PB, muitos dos clíticos pronominais não fazem mais parte da língua-I da(do) aprendiz (ou gramática da(do) aprendiz), sendo essa língua-I o conhecimento linguístico de uma pessoa, presente na sua mente e que lhe permite usar uma língua-E para compreender mensagens e guiá-la

¹⁵ A combinação de “tu” com verbos em P3 tem se mostrado cada vez mais frequente no PB falado.

¹⁶ Outras estratégias de indeterminação do sujeito no PB podem ser consultadas em Oliveira (2018) e em Quarezemin e Fuchsberger (2020).

¹⁷ No espanhol, P4 e P5 também possuem marcas de gênero: em P4 há *nosotros* e *nosotras*, e em P5, *vosotros* e *vosotras* (embora essas formas de P5 praticamente sejam utilizadas somente na Espanha, sendo substituídas por *ustedes* nos demais países hispânicos) (FANJUL, 2005, p. 20).

Como é possível observar no quadro 1, os clíticos acusativos e dativos de P3 e P6 podem ocorrer em P2 e P5 também, respectivamente, seguindo-se um uso mais restrito no PB.

na estruturação das suas próprias sentenças (CHOMSKY, 1986, pp. 21-2). A língua-E constitui o código linguístico compartilhado pelos indivíduos que integram uma mesma sociedade, um construto compreendido independentemente das propriedades da mente/cérebro (CHOMSKY, 1986, p. 20).¹⁸ Com relação aos pronomes clíticos acusativos “o(s)” e “a(s)”, nota-se que os mesmos encontram-se praticamente extintos da fala da(do) brasileira(o), não fazendo mais parte do vernáculo do PB.¹⁹ Esses clíticos são associados ao aprendizado escolar, identificados com língua escrita e estilo formal, geralmente revelando grau de instrução elevado da(do) interlocutora(interlocutor) (KATO; CYRINO; CORRÊA, 2009; NUNES, 2018 [1993], p. 161). Geralmente, o emprego dos clíticos pronominais de terceira pessoa ocorre em momentos de grande monitoração da fala, como em ocasiões solenes ou interlocuções com superiores hierárquicos. No PB oral, tais clíticos são geralmente substituídos pelas formas nominativas em função acusativa. Esse fato é ilustrado pelos dados de (21) a (24), dos quais as sentenças (a) poderiam corresponder à língua escrita e as (b) e (c), à língua falada.

- (21) a. Papai_i, sempre o_i vejo trabalhando tanto!
 b. Papai_i, sempre vejo você_i trabalhando tanto!
- (22) a. [Essa sua namorada]_j, eu não a_j suporto!
 b. [Essa sua namorada]_j, eu não suporto ela_j!
- (23) a. [Queridos sobrinhos]_k, gostaria de convidá-los_k para um Natal em família.
 b. [Queridos sobrinhos]_k, gostaria de convidar vocês_k para um Natal em família.
- (24) a. Quando você quiser [os livros]_p, basta vir buscá-los_p.
 b. Quando você quiser [os livros]_p, basta vir buscar eles_p.
 c. Quando você quiser [os livros]_p, basta vir buscar _____p.

Em (22b) e (24b), ocorre o emprego do pronome “ele” (podendo variar em gênero e/ou número) em forma acusativa, especialmente estigmatizado pela norma e banido da língua escrita culta (GALVES, 2001, p. 162). Esse uso distingue o PB não somente do PE, mas também das outras línguas românicas, que preferem o emprego do pronome clítico de terceira pessoa nessa situação.²⁰ Ainda, como exemplificado por (24c), no PB falado existe uma preferência pelo objeto nulo (DUARTE, 2013, p. 123), ou seja, não realizado foneticamente (CYRINO, 1994, 2018 [1993], 2019, 2020; CYRINO; MATOS, 2016).

¹⁸ Entretanto, no francês, todos os pronomes clíticos ainda compõem a gramática da(do) falante, no sentido de que todos eles são amplamente utilizados no dia-a-dia, como é possível verificar em trabalhos como os de Ball (2000, p. 78) e de Morin (1979).

¹⁹ Também praticamente extintos da língua falada se encontram os dativos “lhe” e “lhes”, sendo substituídos por sintagmas preposicionadas (PPs), como já mencionado (ver sentença (17c)).

²⁰ Exemplos de sentenças equivalentes a (22b) em outras línguas seriam *Essa sua namorada, não a suporto!* (PE), *Ta petite amie, je ne la supporte pas !* (francês), *La tua ragazza, non la sopporto!* (italiano) e *Tu novia, no la soporto!* (espanhol), sendo as formas *a/la* pronomes clíticos acusativos.

Ainda sobre os clíticos pronominais em P3 e P6, sejam dativos ou acusativos, Duarte (2013, p. 129), assim como Galves (2001, p. 129), menciona que, uma vez que esses clíticos não existem na Gramática Nuclear (GN) do indivíduo (aquela que se forma na criança durante o processo de aquisição da linguagem, resultando da seleção dos valores dos parâmetros da GU), tais elementos são incorporados por este indivíduo através do letramento ou de um contato maior com a escrita, pois estão em uma parte periférica à L1 ouvida durante a infância.²¹ Esse seria um dos pontos que forma a Língua-I (Individual) do Letrado (LIL), a qual seria então a união entre a GN e o conjunto de regras aprendidas pela(o) adulta(o) letrada(o), conjunto este que pode ser visto como uma L2 (AGUIAR, 2020; KATO, 2013, p. 150).

Considerando a perda dos clíticos acusativos de terceira pessoa, o paradigma dos clíticos no PB reduz-se praticamente a “me”, “te”, “lhe” e “se”, formas que apresentam sincretismo (LUÍS; KAISER, 2016, p. 229), sendo ambíguas quanto ao caso e ao gênero (considerando o uso acusativo de “lhe”, como mencionado anteriormente, além do dativo). A ambiguidade de “lhe” em relação ao caso estende-se também para a terceira pessoa, em algumas variantes do PB (GALVES, 2001, p. 139). Como menciona Galves (2001, p. 159), a categoria lexical pronominal objeto de terceira pessoa no PB é o pronome fraco “ele” (ou “eles”, “ela(s)”), não admitido no PE.²²

Kato (2013, p. 149) menciona que “em todas as línguas se observam diferenças entre a fala e a escrita, mas no Português do Brasil (PB) existe um fosso de tal ordem que para a criança aprender a ler e a escrever, ela enfrenta a tarefa da aprendizagem de uma língua estrangeira”. Isso se justifica pelo fato de a norma padrão do PB ainda seguir a GT do PE em muitos pontos, dentre eles o emprego dos pronomes clíticos de terceira pessoa.

Finalmente, no PE é possível a combinação de dois pronomes clíticos, sendo um correspondente ao objeto indireto e o outro, ao objeto direto em uma mesma sentença, como em “Este livro pertence a José, tenho de devolver-lho” (lho = lhe + o). No PB, essas construções encontram-se banidas, sendo uma das causas justamente o desaparecimento do pronome clítico de terceira pessoa (GALVES, 2001, p. 139).²³ Em PB, os verbos não podem ter mais de um argumento expresso por um pronome clítico ao mesmo tempo, ainda que o verbo tenha mais de um argumento interno (LUÍS; KAISER, 2016, pp. 211-31).

Após terem sido apresentadas as particularidades do sistema pronominal do PB, na próxima seção, será feito o mesmo para o francês.

²¹ Os clíticos acusativos e dativos em P3 e P6, no entanto, não se encontram ausentes nas falas de crianças em fase pré-escolar que têm o italiano, o espanhol ou o francês como L1 (GALVES, 2001, p. 13).

Chomsky (1988 [1981]), assim como Kato (2005), dá o nome de “periferia marcada” àquilo que Duarte (2013) chama de “parte periférica”.

²² Galves (2001, pp. 162-4) classifica o pronome não clítico (e não tônico) “ele” (ou “eles”, “ela(s)”) como “pronome fraco”, e o pronome pleno “ele”, como “pronome forte”. Isso porque, apesar de ambos serem representados pelo mesmo item lexical, o pronome forte não pode se referir a um antecedente inanimado, como em “O que você bebeu? – *Ele”, referindo-se ao suco, por exemplo. Em Galves (2001, pp. 172-6) podem ser obtidas também mais informações acerca dos pronomes fracos e nulos.

²³ Para detalhes sobre a ocorrência dos grupos clíticos no PE, ver Martins (2013, pp. 2235-7).

4. Sistema de Pronomes Pessoais do Francês

Uma grande diferença do sistema de pronomes pessoais do francês em relação ao do PB é que, na língua francesa, existe um maior número de formas pronominais que apresentam o fenômeno do sincretismo, ou seja, que acumulam funções, seja em relação ao caso sintático, seja em relação ao número das pessoas do discurso (CARVALHO, 2017, p. 30). No quadro 2 são apresentados os pronomes pessoais existentes no francês.

Quadro 2: Pronomes pessoais no francês.

		FORMAS ÁTONAS (PRONOMES CLÍTICOS)							FORMAS TÔNICAS E OBLÍQUAS
		Nominativo (nom.) ²⁴	Acusativo (acc.)	Dativo (dat.)	Reflexivo (refl.)	Indefinido	Locativo (loc.)	Partitivo (part.)/ Genitivo (gen.)	
SINGULAR	P1	<i>je</i>	<i>me (m')</i>	<i>me (m')</i>	<i>me (m')</i>				<i>moi</i>
	P2	<i>tu, vous</i>	<i>te (t'), vous</i>	<i>te (t'), vous</i>	<i>te (t'), vous</i>				<i>toi, vous</i>
	P3	<i>il, elle, ce (c')</i>	<i>le (l'), la (l')</i>	<i>lui</i>	<i>se (s')</i>	<i>il, se (s'), on</i>	<i>y, en</i>	<i>en</i>	<i>lui, elle, soi, ça / cela</i>
PLURAL	P4	<i>nous, on</i>	<i>nous</i>	<i>nous</i>	<i>nous, se (s')</i>				<i>nous</i>
	P5	<i>vous</i>	<i>vous</i>	<i>vous</i>	<i>vous</i>				<i>vous</i>
	P6	<i>ils, elles, ce (c')</i>	<i>les</i>	<i>leur</i>	<i>se (s')</i>		<i>y, en</i>	<i>en</i>	<i>eux, elles, soi</i>

Fonte: adaptado de Oliveira (2016, p. 33).

No francês, existe um só pronome de cortesia: *vous*, que sempre se combina com verbos em P5 e não apresenta marcas morfológicas de gênero, número ou caso. Como *vous* é usado também no plural em situações informais, será o contexto a identificar se se trata de uma situação de formalidade (como em (25a)) ou de informalidade ((25b)).

- (25) a. *Monsieur, vous pourriez attendre dix minutes ?*
“Senhor, o senhor poderia esperar dez minutos?”
- b. *Chères amies, vous êtes très importantes dans ma vie.*

“Minhas caras amigas, vocês são muito importantes na minha vida.”

O francês é uma língua de sujeito não nulo (KATO; DUARTE, 2014, p. 2; dentre outros), assim como o inglês: o sujeito, ou o pronome nominativo que o representa, sempre deve ser foneticamente

²⁴ Como é possível verificar em Kaiser (1992, p. 31), clíticos pronominais nominativos somente podem ser separados da sua base verbal pela negação e/ou por um outro clítico. É o que ocorre em *je ne le connais pas*, “eu não o conheço”; outro elemento não pode causar essa separação, como em **je seulement aime LUI*, “eu somente amo ELE”. Não havendo clíticos nominativos no PB, o pronome “eu”, por exemplo, não possui essas restrições, como se pode ver na tradução da última sentença aqui, em que um advérbio o separa do verbo.

realizado. Isso se atribui principalmente ao fato de o paradigma verbal para a maioria dos tempos e modos ser fonologicamente igual para várias pessoas gramaticais; por exemplo, para o verbo *travailler*, “trabalhar” no presente do indicativo, tem-se *je travaille* ([tra’vaj]), *tu travailles* ([tra’vaj]), *il/elle/on travaille* ([tra’vaj]), *nous travaillons* ([travaj’õ]), *vous travaillez* ([travaj’e]), *ils/elles travaillent* ([tra’vaj]). Para os verbos ditos impessoais, deve-se usar o pronome expletivo *il*, como ilustrado em (26).

- (26) *Il pleuvra beaucoup cette année.*
 “Vai chover muito este ano.”

Ça (*Ce/C’*) é um pronome que pode corresponder a *isso*, mas que também pode ser usado em contextos coloquiais para substituir o expletivo *il* em algumas situações, como a que está indicada em (27).

- (27) *Ça ne vaut pas le coup de s’en faire pour si peu.*
 “Não vale a pena preocupar-se por tão pouco.”

On é um pronome pessoal que serve à indeterminação e que pode ser equivalente a “alguém” ou a “as pessoas”. No entanto, pode também ser um substituto para “nós”, sendo equivalente a “a gente” em PB. É sempre combinado com verbos em P3, embora possa ser visível a concordância de adjetivos ou participios quando o sentido é de plural ou de feminino. Exemplos desses usos são dados em (28).

- (28) a. *On frappe à la porte.*
 “Alguém está batendo na porta.”
 b. *Au Brésil on mange de la feijoada.*
 “No Brasil as pessoas comem feijoada.”
 c. *Hier on est allées au cinéma, Jeanne et moi.*
 “Ontem nós fomos ao cinema, a Jeanne e eu.”

Em (28c) há a concordância do participio passado *allé* no feminino plural (acrescentando-se “*e + s*”), única indicação de que o sujeito é constituído somente de pessoas do gênero feminino.

No francês, é obrigatória a elisão diante de verbos (ou de outros clíticos) começando por som vocálico para os pronomes que a admitem (cujas formas elididas se encontram entre parênteses no quadro 2), como se verifica para o grupo clítico *se + en = s’en* na sentença em (27).²⁵

²⁵ Há ainda, no francês, o que a GT chama erroneamente de “h aspirado” ou *h aspiré* (pois a letra “h” nunca é pronunciada no francês, contribuindo, no máximo, para o som [ʃ] do dígrafo “ch”), diante do qual não pode haver elisão, em oposição ao “h mudo” ou *h muet*, diante do qual é obrigatória a elisão. Um exemplo do *h aspiré* é dado em (i) a seguir, em que seria incorreto dizer ou escrever **Je l’hais* !

(i) *Je le hais !*
 “Eu o odeio.”

Não há regra para a identificação do *h aspiré*; é necessário saber de cor as palavras que o apresentam ou consultar um dicionário. Léon (2007, p. 226, tradução livre) menciona que o *h aspiré* é “uma lembrança do tempo em que ele era pronunciado”.

Uma grande diferença do francês em relação ao PB é a presença de clíticos pronominais com função locativa e partitiva/genitiva: *y* e *en* (PRÉVOST, 2009, p.116; SABIO, 2005). Esses clíticos são conhecidos tradicionalmente como “clíticos adverbiais” (*clitiques adverbiaux*), ainda que, em muitas situações, eles correspondam a sintagmas não adverbiais (MILLER; MONACHESI, 2003). Em (29) há exemplos do uso desses pronomes.

- (29) a. *Je voudrais connaître Paris_i et y_i habiter.*
 “Eu gostaria de conhecer Paris e morar lá.”
- b. *Elle aime [le chocolat]_j, mais elle ne peut plus en_j manger.*
 “Ela gosta de chocolate, mas não pode mais comer.”
- c. *Je connais [ce médicament]_k et je peux en_k garantir l’efficacité.²⁶*
 “Eu conheço esse remédio e posso garantir a sua eficácia.”

Ainda em relação à função locativa, tanto *y* quanto *en* podem corresponder a um lugar no contexto comunicativo. Se o verbo na frase em que o pronome se encontrar exigir a preposição *à*, o pronome a utilizar será *y*; se a preposição exigida for *de*, o pronome empregado será *en*. Exemplos são fornecidos nas sentenças em (30) e (31).

- (30) *Je passe les vacances toujours [en Argentine]_p, mais cette année je ne pourrai pas y_i aller.*
 “Eu passo as férias sempre na Argentina, mas esse ano eu não vou poder ir lá.”
- (31) a. *Quand est-ce qu’ils sont revenus [de la campagne]_j ?*
 “Quando eles voltaram do campo?”
- b. *Ils en_j sont revenus hier.*
 “Eles voltaram (de lá) ontem.”

Na sentença em (30), ainda que *y* substitua [*en Argentine*], e que a construção seja *aller en Argentine*, o que deve ser considerado é a forma “geral” do verbo, exigindo a preposição *à* (*aller à un endroit*, “ir a um lugar”), o que caracteriza o uso desse pronome locativo. Já na resposta em (31), o verbo usado é *revenir*, que exige a preposição *de* (*revenir d’un endroit*, “voltar de um lugar”), e o pronome locativo a utilizar é então *en*.

Ainda, os clíticos *y* e *en* podem substituir complementos introduzidos pelas preposições *à* e *de*, respectivamente, como nas sentenças em (32) (verbos: *croire à*, *s’occuper de*).

- (32) a. *C’est [ce que tu dis]_p, mais je n’y_i crois pas.*
 “É o que você está dizendo, mas eu não acredito nisso.”
- b. *J’adore [les statistiques]_j, alors je m’en_j occupe.*
 “Eu adoro estatísticas, então deixe(m) que eu faço.”

No entanto, nessas situações, esses clíticos não podem se referir a antecedentes com traço [+animado], como em **Amène tes enfants, je m’en occupe !*, “Traz os teus filhos, eu tomo conta

²⁶ Com relação ao caso genitivo, apesar de *en* representar o complemento de um sintagma nominal, como se verifica na sentença (29c), ele se incorpora à base verbal, como qualquer outro pronome clítico.

deles!"; deve-se usar então a preposição seguida do pronome tônico correspondente, *Je m'occupe d'eux*. Entretanto, na língua coloquial constata-se o uso de *en* nessas situações, referindo-se a pessoas (GRÉGOIRE; KOSTUCKI, 2012, p. 98).²⁷

A marcação de gênero nos pronomes pessoais do francês ocorre somente em P3 e em P6 no nominativo, no acusativo e com os pronomes tônicos, como ilustra o quadro 3 (que é, na verdade, um subconjunto do quadro 2).

Quadro 3: Pronomes nominativos, acusativos e tônicos em P3 e P6 no francês.

	NOMINATIVOS		ACUSATIVOS		TÔNICOS	
	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.
SINGULAR (P3)	<i>il</i>	<i>elle</i>	<i>le (l')</i>	<i>la (l')</i>	<i>lui</i>	<i>elle</i>
					<i>soi</i>	
PLURAL (P6)	<i>ils</i>	<i>elles</i>	<i>les</i>		<i>eux</i>	<i>elles</i>
				<i>soi</i>		

Fonte: Oliveira (2016, p. 36).

Para a identificação de gênero dos pronomes nas demais pessoas (assim como de *les* e *soi* no quadro 3), é necessário recorrer ao contexto, similarmente ao verificado em (28c).

A combinação de pronomes clíticos no francês é um pouco mais complexa do que no português. Para o uso com verbos que não estejam no imperativo afirmativo, as combinações possíveis são mostradas no quadro 4, que seguem a ordem *me, te, se, nous, vous* < *le, la, les* < *lui, leur* < *y* < *en*, segundo Anderson (2005, p. 125).²⁸ Nesse quadro, as células hachuradas indicam combinações não possíveis (CALLAMAND, 1987, p. 46).²⁹

²⁷ Y e en podem ainda referir-se a complementos de adjetivos introduzidos pela preposições à e de, respectivamente (RIEGEL; PELLAT; RIOUL, 2004, p. 201), como indicado em (i) a seguir.

- (i) a. Ne mets pas [de film d'horreur]i, j'yi suis très sensible.
"Não coloca filme de terror, eu sou muito sensível a isso."
b. Julie [a réussi son examen]k et elle enk est très fière.
"A Julie obteve uma boa nota na prova e ela está muito orgulhosa disso."

²⁸ É ainda possível, no francês, a ocorrência de grupos clíticos com três elementos, em estruturas como em (i) a seguir (MANZINI; SAVOIA, 2018, p. 26).

- (i) *Jean me le lui fera porter.*
"O Jean vai me fazer levar isso para ela(ele)."

²⁹ Para a ocorrência de pronomes duplos com verbos no imperativo afirmativo em francês, ver obras como Boularès e Frérot (1997, p. 128) e Callamand (1987, p. 46).

Quadro 4: Combinações de pronomes clíticos no francês para verbos que não estejam no imperativo afirmativo.³⁰

		ACUSATIVOS			LOCATIVO	PARTITIVO / GENITIVO
		<i>le</i>	<i>la</i>	<i>les</i>	<i>y</i>	<i>en</i>
DATIVOS OU REFLEXIVOS	<i>me</i>	<i>me le (me l')</i>	<i>me la (me l')</i>	<i>me les</i>	<i>m'y</i>	<i>m'en</i>
	<i>te</i>	<i>te le (te l')</i>	<i>te la (te l')</i>	<i>te les</i>	<i>t'y</i>	<i>t'en</i>
	<i>lui</i>	<i>le lui</i>	<i>la lui</i>	<i>les lui</i>		<i>lui en</i>
	<i>se</i>	<i>se le (se l')</i>	<i>se la (se l')</i>	<i>se les</i>	<i>s'y</i>	<i>s'en</i>
	<i>nous</i>	<i>nous le (nous l')</i>	<i>nous la (nous l')</i>	<i>nous les</i>	<i>nous y</i>	<i>nous en</i>
	<i>vous</i>	<i>vous le (vous l')</i>	<i>vous la (vous l')</i>	<i>vous les</i>	<i>vous y</i>	<i>vous en</i>
	<i>leur</i>	<i>le leur</i>	<i>la leur</i>	<i>les leur</i>	<i>leur y</i>	<i>leur en</i>
LOCATIVO	<i>y</i>	<i>l'y</i>	<i>l'y</i>	<i>les y</i>		<i>y en</i>
PARTITIVO / GENITIVO	<i>en</i>	<i>l'en</i>	<i>l'en</i>	<i>les en</i>	<i>y en</i>	

Fonte: adaptado de Oliveira (2016, p. 36).

Para construções verbais que não envolvam imperativo afirmativo no francês, na combinação de pronomes clíticos o acusativo se coloca à direita, exceto quando um dos clíticos for *lui*, *leur*, *y* ou *en* (combinações em negrito no quadro 4). Nesses casos, a ordem crescente de preferência para ocupar a posição da direita no grupo clítico é *lui/leur* → *y* → *en*.³¹ Exemplos destes usos são dados nas sentenças (33) a (35).

(33) a. *Tu peux me_i prêter [ton livre de grammaire]_j ?*
 “Tu podes me emprestar o teu livro de gramática?”

b. *Bien sûr, je te_i le_j prête.*
 “Claro, eu te empresto.”

(34) a. *Ils ont déjà envoyé [la facture]_k [au client]_l ?*
 “Ele já enviaram a fatura ao cliente?”

b. *Oui, ils la_k lui_l ont déjà envoyée.*
 “Sim, eles já enviaram.”

(35) a. *Ta sœur t'_ma donné [des bonbons]_n ?*
 “Tua irmã te deu balas?”

b. *Non, elle n'a pas voulu m'_men_n donner.*
 “Não, ela não quis me dar.”

³⁰ Segundo Jones (1996, p. 254), a incompatibilidade entre *lui* e *y* é tradicionalmente explicada em termos fonéticos: ou haveria um hiato entre os dois clíticos, ou *y* seria “absorvido” pela vogal de *lui*. *Leur* e *y* não apresentam essa restrição, como em *Pierre leur y a parlé*, “Pierre falou com elas(eles) ali (/naquele lugar)”.

³¹ Assim, para os grupos de pronomes clíticos no francês, a ordem nem sempre é “dativo + acusativo”, ordem esta que se verifica no português, e também no italiano e no espanhol.

Concluindo esta seção, são apresentadas, no quadro 5, as equivalências entre os vários clíticos pronominais e os pronomes tônicos em francês e em PB.

Quadro 5: Formas pronominais no francês e no PB.³²

PESSOA	NÚMERO	CASO / TIPO	PRONOMES CLÍTICOS		PRONOMES TÔNICOS (PLENOS)			
			FRANCÊS	PB	FRANCÊS	PB		
1 ^a	Singular (P1)	Nom	<i>je (j')</i>		–			
		Acc	<i>me (m')</i>		<i>me</i>			
		Dat						
		Refl						
	Plural (P4)	Nom		(<i>on</i>)	–			
		Acc	<i>nous</i>		<i>nos</i>			
		Dat						
		Refl						(<i>se</i>) (<i>s'</i>)
				<i>nous</i>	<i>a gente</i>	(<i>nós</i>)		
2 ^a	Singular (P2)	Nom	<i>tu</i>		–			
		Acc	<i>te (t')</i>	(v <i>ous</i>)		(<i>o/a</i>) (<i>lhe</i>)	<i>toi (vous)</i>	<i>ocê</i>
		Dat			<i>te</i>	(<i>lhe</i>)		
		Refl				(<i>se</i>)		
	Plural (P5)	Nom	<i>vous</i> <i>vós</i>		–		<i>vous</i>	<i>vocês (vós)</i>
		Acc			(<i>os/as</i>) (<i>lhes</i>)			
		Dat			(<i>lhes</i>)			
Refl		(<i>se</i>)						
3 ^a	Singular (P3)	Nom	<i>il / elle / ce (c')</i>		–			
		Acc	<i>le (l') / la (l')</i>		<i>o / a (lhe)</i>			
		Dat	<i>lui</i>		<i>lhe</i>			
		Refl	<i>se (s')</i>		<i>se</i>			
	Plural (P6)	Nom	<i>ils / elles / ce (c')</i>		–		<i>lui / elle / ça (cela)</i>	<i>ele / ela</i>
		Acc	<i>les</i>		<i>os / as (lhes)</i>			
		Dat	<i>leur</i>		<i>lhes</i>			
		Refl	<i>se (s')</i>		<i>se</i>			
Locativo		<i>y (en)</i>		–		–	–	
Partitivo/Genitivo		<i>en</i>		–		–	–	

Fonte: elaboração do autor.

³² O quadro 5 foi construído com base nas informações obtidas em Kaiser (1992, pp. 29-47). São seguidas as mesmas indicações utilizadas para o quadro 1 em termos de formas inovadoras, em desuso e de uso restrito. As formas entre parênteses representam as variações possíveis dos pronomes; as barras separam as formas masculinas e femininas.

Finalmente, a seguir são realizadas as considerações finais acerca dos sistemas de pronomes do PB e do francês.³³

Considerações finais

Como mencionado, no PB os pronomes clíticos de terceira pessoa não pertencem mais à língua-I da(do) falante, ao contrário do que acontece no francês, em que esses pronomes são muito produtivos. Além disso, diferentemente do PB, o francês possui clíticos pronominais locativos e partitivo/genitivo, fato este que poderia representar mais uma dificuldade na aquisição da L2 por uma(um) aprendiz brasileira(o).³⁴ Além disso, até mesmo na língua falada, combinações de pronomes clíticos são usadas no francês, o que não se verifica no PB, que preferirá a omissão de um dos clíticos e/ou o emprego de preposição + pronome para substituir o dativo, como em *Ce livre-là, tu peux me le passer?*, “Aquele livro, você pode me passar ___?” e *Jean a acheté ce livre pour Julie e va le lui donner ce soir*, “Jean comprou este livro para a Julie e vai dar ___ pra ela esta noite”.

As propriedades da L1 da(do) aprendiz constituem um fator que influencia a aquisição de clíticos pronominais, assim como outros aspectos na aquisição da L2 (GASS; SELINKER, 2008, pp. 89-120; VANPATTEN; BENATI, 2010, pp. 14-5). Devido a isso, nos estágios iniciais do desenvolvimento da interlíngua, a(o) aprendiz brasileira(o) tende a substituir os clíticos pronominais por objetos nulos (como em *Il va chanter ___ à Juliette* em vez de *Il va la chanter à Juliette*, “Ele vai cantá-la (uma canção) para a Juliette”) ou por pronomes tônicos (*Cette musique empêche lui de lire* em vez de *Cette musique l’empêche de lire*, “Esta música o impede de ler (por causa do barulho)” ou ainda *Elle offre des cadeaux à eux* em vez de *Elle leur offre des cadeaux*, “Ela lhes oferece presentes (a eles)”), como ocorre no PB (OLIVEIRA, 2022). Além disso, Oliveira (2022) constatou na sua pesquisa com informantes brasileiras(os) a influência da perda dos clíticos acusativos e dativos de terceira pessoa no PB para a aquisição desses clíticos em francês: mesmo as(os) informantes mais proficientes não demonstraram, na sua produção nas entrevistas, taxas de utilização desses elementos próximas às verificadas para as(os) nativas(os) (os clíticos acusativos foram constatados em 3,57% das sentenças construídas com

³³ Para mais informações sobre os pronomes do francês, clíticos ou não clíticos, é possível consultar o excelente Capítulo 6 de Jones (1996).

³⁴ Na área de Linguística Aplicada a Ensino e Aprendizagem de Segunda Língua, assim como na Psicolinguística, costuma-se fazer a diferenciação entre “aquisição” e “aprendizagem”. A aquisição aconteceria natural e inconscientemente, emergindo espontaneamente quando da interação normal na língua em questão, tendo o significado como foco, ou seja, sem preocupação direta com a forma. A aprendizagem, ao contrário, envolveria conhecimento explícito sobre a língua, como suas regras e padrões, com foco na forma. Esse processo aconteceria tomando a L2 como objeto da instrução, mas não necessariamente como o meio para tal. (MACARO; VANDERPLANK; MURPHY, 2010, pp. 77-8; VANPATTEN; WILLIAMS, 2015, p. 25). Entretanto, dado que nos estudos gerativistas os autores têm usado a expressão “Aquisição de Segunda Língua” de modo generalizado (PAIVA, 2014, p. 9), referindo-se a situações em que aconteça seja aprendizagem, seja aquisição, optou-se por fazer o mesmo no presente trabalho.

Igualmente, muitos autores fazem a distinção entre “segunda língua” (L2) e “língua estrangeira” (LE). Segundo eles, L2 seria considerada a língua oficial ou dominante na comunidade local, necessária para educação, trabalho, ou outros propósitos básicos. Seria considerada LE a língua estudada que não é falada na comunidade local, podendo ser usada para propósitos de viagens futuras ou como disciplina escolar, por exemplo (BOT; LOWIE; VERSPOOR, 2005, p. 7; LEFFA, 1988, pp. 212-3; SAVILLE-TROIKE, 2006, p. 4). Sendo que, nos estudos gerativistas, admite-se que os processos de aquisição de L2 ou de aprendizagem de LE são os mesmos, aqui também não é feita a distinção entre LE e L2.

verbos contendo dois ou mais argumentos na produção de nativas(os), contra 1,39% na das(dos) brasileiras(os) mais proficientes; finalmente, em relação aos clíticos dativos, as taxas foram de 1,04% e 0,00%, respectivamente; as(os) brasileiras(os) omitiram três vezes mais clíticos acusativos do que as(os) nativas(os)). Tal fato não foi constatado em relação aos pronomes clíticos das demais pessoas, cuja aquisição foi identificada como mais avançada do que a dos clíticos de terceira pessoa, estando as suas taxas de produção próximas às verificadas para as(os) nativas(os). Entretanto, a aquisição dos clíticos reflexivos de terceira pessoa não se mostrou problemática, dadas as semelhanças entre as suas formas na L1 e na L2, assim como a grande produtividade desses clíticos no PB; exemplos de dados de produção verificados são *On se connaît depuis longtemps*, “A gente se conhece há tempo” e *C’est ce qui s’est passé*, “Foi isso que aconteceu (que se passou)”. Os grupos clíticos e os pronomes *y* e *en*, por não encontrarem elementos correspondentes em português, também oferecem grande dificuldade para a aquisição por brasileiras(os), como também constatou Oliveira (2022): exemplos de produções que envolveriam grupos clíticos foram dados no início dessas Considerações; *y* e *en* tendem a ser omitidos, como em *En 2016 je suis restée ___ pendant 16 jours* em vez de [...]*j’y suis restée [...]*, “Em 2016 eu fiquei 16 dias (na França)” e *Je les aime, mais je n’ ___ ai pas* em vez de [...]*je n’en ai pas*, “Eu gosto deles, mas não tenho (nenhum animal de estimação)”.

A atenção à morfologia funcional da L2, assim como o *input* explícito, em que pode ser dada ênfase a pontos da língua que não costumam ser identificados implicitamente, pode servir a facilitar a aquisição da L2. Conhecer a língua materna da(do) aprendiz também é essencial, para que se possam concentrar os esforços de ensino nos pontos da L2 que diferem dos da L1, como ocorre em relação à aquisição dos clíticos pronominais do francês.

Referências

- AGUIAR, Ana Carolina Nunes de. *Clíticos Acusativos de Terceira Pessoa e o Input em Livros Didáticos no Ensino da Escrita do PB*. 2020. 240 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2020. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/39480/1/2020_AnaCarolinaNunesdeAguiar.pdf. Acesso em: 7 maio 2022.
- ANDERSON, Stephen R. *Aspects of the Theory of Clitics*. New York: Oxford University Press, 2005.
- BALL, Rodney. *Colloquial French Grammar: A Practical Guide*. Oxford: Blackwell Publishers, 2000.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.
- BOT, Kees de; LOWIE, Wander; VERSPOOR, Marjolijn. *Second Language Acquisition: An advanced resource book*. London/New York: Routledge, 2005.
- BOULARÈS, Michèle; FRÉROT, Jean-Louis. *Grammaire Progressive du Français: Niveau avancé*. Paris: CLE International, 1997.
- CAINK, A. D. Clitics. In: BROWN, Keith. *Encyclopedia of Language and Linguistics*. Elsevier, 2005, pp. 491-5.
- CALLAMAND, Monique. *Grammaire Vivante du Français*. Paris: Larousse, 1987.

- CÂMARA Jr., Joaquim Matoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 30ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999 [1970].
- CARDINALETTI, Anna. Pronouns in Germanic and Romance Languages: An overview. In: RIEMSDIJK, Henk van. (org.) *Clitics in the Languages of Europe*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1999, pp. 33-82.
- CARVALHO, Danniell da Silva. Da natureza dos traços-phi. In: CARVALHO, Danniell da Silva. (org.) *Traços-phi: contribuições para a compreensão da gramática do português*. Salvador: EDUFBA, 2017, pp. 15-36.
- CHOMSKY, Noam. *Knowledge of Language: Its Nature, Origin, and Use*. Series: Convergence. New York: Praeger Publishers, 1986.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Biding: The Pisa Lectures*. 5th ed. Dordrecht (Holland) / Providence RI (USA): Foris Publications, 1988 [1981].
- CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- CYRINO, Sonia Maria Lazzarini. *O Objeto Nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. 1994. 229 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1994. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270355/1/Cyrino_SoniaMariaLazzarini_D.pdf. Acesso em: 22 nov. 2020.
- CYRINO, Sonia Maria Lazzarini. Observações sobre a Mudança Diacrônica do Português do Brasil: Objeto Nulo e Clíticos. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (org.) *Português Brasileiro: Uma Viagem Diacrônica*. 3. ed. São Paulo; Contexto, 2018 [Campinas: Editora da Unicamp, 1993], pp. 129-42.
- CYRINO, Sonia Maria Lazzarini. Objetos nulos/pronomes plenos e topicalidade no português brasileiro. *Forum Linguístico*, Florianópolis, SC, v. 16, n. 1, p. 3482-3498, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2019v16n1p3482/39205>. Acesso em: 7 maio 2022.
- CYRINO, Sonia Maria Lazzarini. Objetos Nulos em Português Brasileiro. *Cuadernos de la ALFAL*, n. 12 (2), pp. 387-410, noviembre 2020. Disponível em: https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/12_2_cuaderno_017.pdf. Acesso em: 7 maio 2020.
- CYRINO, Sonia Maria Lazzarini; MATOS, Gabriela. Null Objects and VP Ellipsis in European and Brazilian Portuguese. In: WETZELS, W. Leo; COSTA, João; MENUZZI, Sergio. (org.) *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Oxford: Wiley Blackwell, 2016, pp. 294-317.
- DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. O Papel da Sociolinguística na Descrição da Gramática da Escrita Contemporânea. In: MARTINS, Marco Antônio; TAVARES, Maria Alice. (org.) *Contribuição da Sociolinguística e da Linguística Histórica para o Ensino de Língua Portuguesa*. Coleção Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino, v. 5. Natal, RN: EDUFRN, 2013, pp. 115-42.
- DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée; GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Jean-Baptiste; MEVEL, Jean-Pierre. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006 [1978].
- FANJUL, Adrián. (org.) *Gramática y Práctica de Español para brasileños*. São Paulo: Moderna, 2005.

- FARACO, Carlos Alberto. O tratamento “você” em português: uma abordagem histórica. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, RJ, v. 3, n. 2, pp. 114-32, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/17150/10437>. Acesso em: 7 maio 2022.
- GALVES, Charlotte. *Ensaio sobre as Gramáticas do Português*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.
- GASS, Susan M.; SELINKER, Larry. *Second Language Acquisition: An Introductory Course*. Third Edition. New York: Routledge, 2008.
- GRÉGOIRE, Maïa; KOSTUCKI, Alina. *Grammaire Progressive du Français: Niveau perfectionnement avec 600 exercices*. France: CLE International, 2012.
- HVIDSTEN, Eirik; HELLAND, Hans Petter. L’acquisition du pronom « en » en français langue étrangère. *Synergies Pays Scandinaves*, n. 13, pp. 51-63, 2018. Disponível em: http://gerflint.fr/Base/Paysscandinaves13/hvidsten_helland.pdf. Acesso em: 7 maio 2020.
- JONES, Michael Allan. *Foundations of French syntax*. Melbourne, Australia: Cambridge University Press, 1996.
- KAISER, Georg A. *Die klitischen Personalpronomina im Französischen und Portugiesischen: Eine synchronische und diachronische Analyse*. Frankfurt am Main: Vervuert Verlag, 1992.
- KANTHACK, Gessilene Silveira. *Clíticos no Português Brasileiro*. 2002. 174f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2002. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/83641>. Acesso em: 7 maio 2022.
- KATO, Mary Aizawa. A Gramática do Letrado: Questões para a Teoria Gramatical. In: MARQUES, M. A.; KOLLER, E.; TEIXEIRA, J.; LEMOS, A. S. (org.) *Ciências da Linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga (Portugal): CEHUM (Universidade do Minho), 2005, pp. 131-45.
- KATO, Mary Aizawa. A Gramática Nuclear e a Língua-I do Brasileiro. In: MARTINS, Marco Antônio. (org.) *Gramática e Ensino*. Coleção Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino, v. 1. Natal, RN: EDUFRN, 2013, pp. 147-64.
- KATO, Mary Aizawa; CYRINO, Sonia L.; CORRÊA, Vilma Reche. Brazilian Portuguese and the recovery of lost clitics through schooling. In: PIRES, Acrísio; ROTHMAN, Jason. *Minimalist Inquiries Into Child and Adult Language Acquisition: Case Studies Across Portuguese*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2009, pp. 245-71.
- KATO, Mary Aizawa; DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. Restrições na distribuição de sujeitos nulos no Português Brasileiro. *Veredas: Sintaxe das Línguas Brasileiras*, Juiz de Fora, MG, v. 18/1, pp. 1-22, 2014. Disponível em: https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/07/01-Kato_Duarte1.pdf. Acesso em: 7 maio 2022.
- LEFFA, Vilson J. Metodologia do Ensino de Línguas. In: BOHN, Hilário Inácio; VANDRESEN, Paulino. (org.) *Tópicos de Linguística Aplicada: O Ensino de Línguas Estrangeiras*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988, pp. 211-36.
- LÉON, Pierre R. *Phonétisme et prononciations du français*. 5. éd. Paris: Armand Colin, 2007.
- LOPES, Célia Regina. Pronomes Pessoais. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. (org.) *Ensino de Gramática: descrição e uso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018 [2007], pp. 103-19.

LUÍS, Ana R.; KAISER, Georg A. Clitic Pronouns: Phonology, Morphology, and Syntax. In: WETZELS, W. Leo; COSTA, João; MENUZZI, Sergio. (org.) *The Handbook of Portuguese Linguistics*. West Sussex: Wiley Blackwell, 2016, pp. 210-33.

MACARO, Ernesto; VANDERPLANK, Robert; MURPHY, Victoria A. A Compendium of Key Concepts in Second Language Acquisition. In: MACARO, Ernesto. (org.) *The Continuum Companion to Second Language Acquisition*. New York/London: Continuum, 2010, pp. 29-106.

MANZINI, M. Rita; SAVOIA, Leonardo M. What orders the romance clitic string? Against precompiled hierarchies. In: CARVALHO, Danniell da Silva; BRITO, Dorothy Bezerra Silva de. (org.) *Pronomes: Morfossintaxe e Semântica*. Salvador: EDUFBA, 2018, pp. 15-37.

MARTINS, Marco Antônio. *A colocação de pronomes clíticos na escrita brasileira: Para o estudo das gramáticas do português*. Natal/RN: Editora da UFRN, 2012.

MARTINS, Ana Maria. Posição dos Pronomes Pessoais Clíticos. In: PAIVA RAPOSO, Eduardo Buzaglo; BACELAR DO NASCIMENTO, Maria Fernanda; COELHO DA MOTA, Maria Antónia; SEGURA, Luísa; MENDES, Amália. (org.) *Gramática do Português: Volume II*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013, pp. 2231-302.

MILLER, Philip; MONACHESI, Paola. Les pronoms clitiques dans les langues romanes. In: GODARD, Danièle. *Les langues romanes: Problèmes de la phrase simple*. Paris: Editions du CNRS, 2003. Disponível em: <http://docplayer.fr/22076414-Les-pronoms-clitiques-dans-les-langues-romanes.html>. Acesso em: 7 maio 2022.

MORIN, Yves-Charles. La morphophonologie des pronoms clitiques en français populaire. *Cahier de linguistique*, v. 9, pp. 1-36, 1979. Disponível em: <<https://doi.org/10.7202/800076ar>>. Acesso em: 7 maio 2022.

NUNES, Jairo. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (org.) *Português Brasileiro: Uma Viagem Diacrônica*. 3. ed. São Paulo; Contexto, 2018 [Campinas: Editora da Unicamp, 1993], pp. 161-73.

OLIVEIRA, Luciano de. *Estudos dos Clíticos e das Construções com Clitic Dislocation em Línguas Neolatinas*. 2016. 169 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal e Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2016. Disponível em: <http://tede.ufsc.br/teses/PLLG0639-D.pdf>. Acesso em: 7 maio 2022.

OLIVEIRA, Luciano de. Estratégias de Indeterminação do Sujeito em Línguas Românicas. *Revista do GELNE*, Natal, RN, v. 20, n. 2, pp. 30-45, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/14356/10907>. Acesso em: 7 maio 2022.

OLIVEIRA, Luciano de. *Análise de Aquisição dos Clíticos Pronominais e de Posições Sintáticas Não Nulas do Francês por Aprendizes Brasileiros(as) Adultos(as)*. 2021. 407 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/231250>. Acesso em: 7 maio 2022.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *Aquisição de Segunda Língua*. São Paulo: Parábola, 2014.

PRÉVOST, Philippe. *The Acquisition of French: The development of inflectional morphology and syntax in L1 acquisition, bilingualism, and L2 acquisition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009.

QUAREZEMIN, Sandra; FUCHSBERGER, Gabriel. Indeterminação do sujeito no português brasileiro: o pessoal tá inventando moda. In: CASTAGNA, Vanessa; QUAREZEMIN, Sandra. (org.) *Travessias em Língua Portuguesa: Pesquisa linguística, ensino e tradução*. Sail 16. Venezia (Itália): Edizioni Ca' Foscari, 2020, pp. 93-106. Disponível em: <https://edizionicafoscari.unive.it/media/pdf/books/978-88-6969-461-5/978-88-6969-461-5.pdf>. Acesso em: 7 maio 2022.

RIEGEL, Martin; PELLAT, Jean-Christophe; RIOUL, René. *Grammaire méthodique du français*. 3^{ème} ed. PUF: 2004.

SAVILLE-TROIKE, Muriel. *Introducing Second Language Acquisition*. New York: Cambridge University Press, 2006.

SABIO, Frédéric. Les pronoms clitiques et l'expression du lieu: l'usage de y et en dans le français contemporain. *Le français parlé au XXI^e siècle*, Oxford, UK, pp. 87-105, jun. 2005. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00576847/>. Acesso em: 7 maio 2022.

TARALLO, Emilio Gozze. Clíticos, Mudança e Seleção Natural. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (org.) *Português Brasileiro: Uma Viagem Diacrônica*. 3. ed. São Paulo; Contexto, 2018 [Campinas: Editora da Unicamp, 1993], pp. 143-60.

TSEDRYK, Kanstantsin. *Les interactions morphosyntaxiques dans l'interlangue des apprenants: le cas de l'acquisition des pronoms clitiques en français L2*. 2014. 271 f. Tese (Doctor of Philosophy) – Graduate Program in French Studies, The University of Western Ontario, Ontario, 2014. Disponível em: <https://ir.lib.uwo.ca/etd/2062>. Acesso em: 7 maio 2022.

VANPATTEN, Bill; BENATI, Alessandro G. *Key Terms in Second Language Acquisition*. London: Continuum, 2010.

VANPATTEN, Bill; WILLIAMS, Jessica. (org.) *Theories in Second Language Acquisition: An Introduction*. New York/London: Routledge, 2015.